

UM OLHAR DO IESE SOBRE A COOPERAÇÃO SUL-SUL BRASILEIRA

Natalia N. Fingerhann

INTRODUÇÃO

A Cooperação Sul-Sul (CSS) brasileira apresenta-se com uma narrativa diferente da cooperação tradicional ao afirmar que «a cooperação para o desenvolvimento não se resume à interação entre doadores e recebedores: entendemo-la como uma troca entre semelhantes, com mútuos benefícios e responsabilidades» (IPEA, 2010: 7). Essa nova narrativa, o empenho firmado pela Diplomacia Presidencial (Cason & Power, 2009) do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a estruturação, ainda que incipiente (Cabral & Weinstock, 2010), de programas de cooperação técnica no âmbito da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) alteraram as relações do Brasil com os países em desenvolvimento, especialmente aqueles localizados no continente africano. Moçambique, que se torna o maior beneficiário da cooperação técnica brasileira na primeira década do século XXI, retorna ao debate dos estudiosos de política africana brasileira, porém trazendo agora a participação de outros actores, como activistas nacionais e activistas e académicos internacionais, que analisam por outro espectro a Cooperação Sul-Sul (IPEA, 2010, 2013, 2016).

Dentro da academia brasileira surgem diversos estudos que põem em debate as possíveis motivações por trás das iniciativas de CSS - imperialismo, altruísmo ou auto-interesse, porém sem apresentarem um diálogo mais amplo com a arquitectura de cooperação para o desenvolvimento internacional (Amorim, 2010; Cervo, 2003; Vigevani & Cepaluni, 2007; Pecequilo, 2008; Saraiva, 2010, 2012).

No âmbito externo, emergem pesquisas que saem do escopo da literatura de política externa brasileira, ao compararem a actuação do Brasil com a de outros países emergentes, assim como com a dos doadores tradicionais (Manning, 2006; Carmody, 2011, 2013; Scoones *et al.*, 2013; Chichava *et al.*, 2013).

No caso de Moçambique, o Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), principal *think-tank* desse país, assume a dianteira nas investigações sobre a Cooperação Sul-Sul. Inicialmente focado somente na atuação da China no continente africano e, particularmente, em Moçambique, com a publicação do livro *A Mamba e o Dragão. Relações Moçambique-China em*

Perspectiva (Chichava & Alden, 2010). Em 2011, o IESE inicia estudos comparativos da CSS chinesa, indiana e brasileira no sector agrícola, com a publicação do artigo «As economias emergentes no sector agrícola moçambicano. Leituras, implicações e desafios», em Chichava (2011). Entretanto, em 2012, com o convite do Institute of Development Studies (IDS) para a participação do projeto de investigação «O Brasil e a China na agricultura africana», o IESE, sob a coordenação do investigador Sérgio Chichava, passa a coordenar uma ampla gama de estudos de caso comparativos que trazem importantes reflexões sobre a CSS do Brasil, tanto para os estudiosos, ativistas e *policy makers* brasileiros quanto para moçambicanos. Com foco no sector mais relevante da cooperação técnica brasileira, a agricultura, os estudos do IESE nesse projeto identificam os principais desafios da CSS brasileira em relação aos outros doadores emergentes e tradicionais.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é mapear as publicações sobre CSS realizadas pelo IESE, entre os anos de 2010 e 2016, de forma a analisar e identificar as contribuições teóricas e práticas que a instituição construiu em torno da Cooperação Sul-Sul brasileira no sector agrícola durante os anos 2000 em Moçambique. Para isso, este artigo apresenta, primeiramente, o IESE e o projeto «O Brasil e a China na agricultura africana». Em seguida, faz um levantamento no banco de dados do IESE e no *site* Future Agriculture Consortium (FAC) das publicações realizadas pelos investigadores internos, associados e externos do IESE. Depois, o artigo analisa e compara as principais contribuições teóricas e práticas das publicações em relação ao debate sobre a CSS realizado por académicos brasileiros. Por último, o artigo conclui que há uma necessidade de se estreitarem os laços entre a academia brasileira e moçambicana, uma vez que se identifica um baixo nível de diálogo entre os autores moçambicanos e brasileiros, a despeito da tentativa de se estabelecer uma ponte por meio desse projeto.

INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS E ECONÓMICOS (IESE)

O IESE foi estabelecido como uma organização independente sem fins lucrativos em 2007, por iniciativa da Associação para a Promoção de Estudos de Desenvolvimento e apoio financeiro de agências oficiais de cooperação dos seguintes países: Dinamarca, Irlanda, Noruega, Suécia e Suíça (IESE, 2008). O instituto nasce da necessidade de se consolidar um centro de excelência em investigação científica interdisciplinar, que contribua com as problemáticas do desenvolvimento social e económico de Moçambique e da África Austral. Desde o seu surgimento, o instituto consolida três grupos de investigações: i. Economia e Desenvolvimento; ii. Pobreza e Proteção Social; iii. Cidadania e Governação. Todos os grupos são coordenados por investigadores doutores moçambicanos independentes, que contam com uma equipa de

novos investigadores, apoiados pelo IESE, para a continuidade dos seus estudos no exterior. Ainda hoje, o IESE conta com o financiamento de diversas agências de cooperação, porém a sua atuação já é amplamente reconhecida no País e na região pela alta qualidade e independência, tanto na produção quanto na promoção e disseminação de investigação e conhecimento sobre Moçambique e a região (IESE, 2017).

O Grupo Cidadania e Governação do IESE começou a estudar o engajamento dos países emergentes em Moçambique a partir de 2010 (Chichava & Alden, 2010; Chichava, 2011). No entanto, é com a aprovação do projeto «O Brasil e a China na agricultura africana», firmado em 2012, com financiamento da agência de investigação britânica Economic and Social Research Council (ESRC), no valor de aproximadamente 645 mil libras esterlinas, para os anos de 2012 a 2015 (ESRC, 2017), que o IESE expande as suas pesquisas para a Cooperação Sul-Sul brasileira no sector agrícola, sob a liderança do investigador e membro efetivo Sérgio Chichava e a colaboração de investigadores associados e externos, vinculados ao projeto. Para além do IESE, o projeto contou com a colaboração de entidades brasileiras, tais como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), a Universidade de Brasília (UnB); entidades inglesas – Institute of Development Studies (IDS), International Institute for Environment and Development (IIED), Overseas Development Institute (ODI) –, entidades de outros países do continente africano eleitas para a investigação – a Research for Development Trust (Zimbabwe), a Universidade do Gana, e o Instituto Etíope de Investigação Agrícola, (Etiópia), e ainda a universidade China Agricultural University (CAU).

Com o propósito de analisar as visões e os modelos que sustentam os programas de cooperação agrícola do Brasil e da China com África, as diferenças e semelhanças entre os dois países, bem como entre estes e «doadores tradicionais» de Gana, Etiópia, Moçambique e Zimbabwe (IESE, 2017), o projeto realizou uma série de eventos, seminários e publicações que contribuíram substancialmente para o debate sobre a CSS brasileira. Além do mais, durante o desenvolvimento do projeto, o IESE teve um papel-chave na realização de investigação de campo, assim como contou com a disseminação do conhecimento sobre a Cooperação Sul-Sul brasileira em Moçambique, com a publicação de artigos elaborados em parceria com investigadores associados – Jimena Durán e Natalia Fingerhann – ou investigadores externos, vinculados ao projeto, tais como Ian Scoones, Alex Shankland, Lúcia Cabral, Henry Tugendhat, Jing Gu, Lila Buckley, Anna Locke, Dawit Alemu Bimirew, Kojo Amanor, Langton Mukwereza, Alcides Costa Vaz, Arilson Favareto, Xu Xiuli, Qi Gubo, Li Xiaoyun, Tang Lixia.

O LEVANTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES

Para mapear as contribuições realizadas pelo IESE referentes à CSS brasileira no sector agrícola em Moçambique, esta pesquisa verificou tanto os artigos apresentados pelo IESE como parte do projeto (IESE, 2017) quanto aqueles publicados no *site* do FAC por meio de uma série de *Working Papers* (2013; 2015; 2016), uma edição especial da revista académica *World Development* (2016) e o *IDS Bulletin* (2013).

Posteriormente, este estudo levou a cabo um levantamento da quantidade de citações produzidas por cada um deles por meio do Google Scholar¹. A despeito das limitações desta ferramenta, que abrange somente as citações *online*, sem considerar citações no meio impresso, entende-se que a análise das citações de cada artigo pode ser usada como uma estratégia para verificar a relação entre a academia brasileira e a moçambicana em relação à CSS do Brasil. A Tabela 1 apresenta o levantamento das publicações, a quantidade de citações encontradas para cada artigo e a quantidade de citações realizadas em revistas ou *sites* do Brasil a partir do Google Scholar. Entre os cinco primeiros artigos, que são os que possuem mais de 20 citações, totalizando um montante de 137 citações, nota-se que somente 12 das 137 foram realizadas em *sites* ou revistas académicas do Brasil. Entre os artigos com 11 ou 10 citações, todos da edição especial da revista *World Development*, que totalizam 42 citações, somente quatro foram feitas em revistas ou *sites* do Brasil. Já para os outros 13 artigos, com citações entre sete e zero, e que totalizam 25 citações, identifica-se que nove foram realizadas em *sites* ou revistas brasileiras, sendo que se percebe que aqueles artigos publicados em português, tais como «O Brasil na agricultura moçambicana: parceiro de desenvolvimento ou usurpador de terra?» e «Os mitos por trás do ProSavana», tiveram três das três citações e duas das sete citações em *sites* e revistas brasileiras, respectivamente. Dessa forma, a análise das citações indica que o debate entre a academia brasileira e a moçambicana ocorre ainda de maneira restrita sobre essa temática, a despeito da participação de investigadores brasileiros no desenvolvimento do projeto. É difícil afirmar se esse baixo diálogo está relacionado ao facto de o maior número de publicações ter sido feito em inglês ou à escassez de um campo epistémico em cooperação para o desenvolvimento dentro da área de ciências sociais e relações internacionais do Brasil. Porém, nota-se que quando as publicações foram realizadas no idioma comum, português, houve uma tendência de estas serem mais citadas em revistas e *sites* do Brasil. Por esse motivo, é importante identificar de que forma o conteúdo da pesquisa do IESE pode contribuir para o debate sobre CSS brasileira em Moçambique e no Brasil, conforme feito a seguir, assim como pesquisar meios para disseminar esses estudos no país.

¹ Conforme apontado por Mikki (2009), a despeito de o Google Scholar ter por base um algoritmo, o Google Scholar é uma ferramenta relevante para analisar o número de citações, uma vez que inclui citações realizadas em dissertações, teses e capítulos de livros não encontradas no Web of Science.

TABELA 1: ARTIGOS PUBLICADOS SOBRE CSS BRASILEIRA EM MOÇAMBIQUE (2012-2016)

AUTORES	ARTIGOS	MEIO	ANO	CITAÇÕES	REVISTAS/ SITES NO BRASIL
Lídia Cabral, Alex Shankland	Narratives of Brazil-Africa cooperation for agricultural development: new paradigms?	<i>FAC Working Paper</i> , 51	2013	34	3
Sérgio Chichava, Jimena Duran, Lídia Cabral, Alex Shankland, Lila Buckley, Tang Lixia, Zhang Yue	Chinese and Brazilian Cooperation with African Agriculture: the case of Mozambique	<i>FAC Working Paper</i> , 49	2013	27	4
Ian Scoones, Lídia Cabral, Henry Tugendhat	New development encounters: China and Brazil in African agriculture	<i>IDS Bulletin</i> , 44	2013	27	0
Lídia Cabral, Alex Shankland, Arilson Favareto, Alcides Costa Vaz	Brazil-Africa agricultural cooperation encounters: drivers, narratives and imaginaries of Africa and development	<i>IDS Bulletin</i> , 44	2013	26	4
Sérgio Chichava, Jimena Duran, Lídia Cabral, Alex Shankland, Lila Buckley, Tang Lixia e Zhang Yue	Brazil and China in Mozambican agriculture: emerging insights from the field	<i>IDS Bulletin</i> , 44	2013	23	1
Kojo Amanor, Sérgio Chichava	South-South Cooperation, agribusiness and African agricultural development: Brazil and China in Ghana and Mozambique	<i>World Development</i> , 81	2016	11	0
Alex Shankland, Euclides Gonçalves	Imagining agricultural development in South-South Cooperation: the contestation and transformation of ProSavana	<i>World Development</i> , 81	2016	11	3
Ian Scoones, Kojo Amanor, Arilson Favareto, Qi Gubo	A new politics of development cooperation? Chinese and Brazilian engagements in African agriculture	<i>World Development</i> , 81	2016	10	0
Lídia Cabral, Arilson Favareto, Langton Mukwereza, Kojo Amanor	Brazil's agricultural politics in Africa: more Food International and the disputed meanings of «family farming»	<i>World Development</i> , 81	2016	10	1
Natalia N. Fingermann	Os mitos por trás do ProSavana	IESE, <i>IDeIAS</i> , 49	2013	7	2
Lídia Cabral	Priests, technicians and traders? The discursive politics of Brazil's agricultural cooperation in Mozambique	<i>FAC Working Paper</i> , 110	2015	5	2
K. Amanor, S. Chichava, B. Chinsinga, L. Mukwereza	Towards an even-handed and effective Africa-Brazil exchange for agricultural development: African perspectives	<i>Poverty in Focus</i> , 24	2012	3	0
Jimená Durán; Sérgio Chichava	O Brasil na agricultura moçambicana: parceiro de desenvolvimento ou usurpador de terra?	IESE, <i>Desafios para Moçambique</i>	2013	3	3
Natalia Fingermann	A study of Brazilian trilateral development cooperation in Mozambique: The case of ProSavana and ProAlimentos	<i>FAC Working Paper</i> , 113	2015	2	1
Sérgio Chichava; Natalia N. Fingermann	Chinese and Brazilian agricultural models in Mozambique. The case of the Chinese Agricultural Technology Demonstration Centre and of the Brazilian ProAlimentos programme	<i>FAC Working Paper</i> , 112	2015	1	0
Alcides Costa Vaz	International drivers of Brazilian Agricultural Cooperation in Africa in the post-2008 economic crisis	<i>FAC Working Paper</i> , 117	2015	1	1

Cont.»

Cont.»

AUTORES	ARTIGOS	MEIO	ANO	CITAÇÕES	REVISTAS/ SITES NO BRASIL
Arilson Favareto	Beyond «family farming versus agribusiness» dualism: unpacking the complexity of Brazil's agricultural model	<i>FAC Working Paper</i> , 138	2016	1	0
Alex Shankland, Euclides Gonçalves, Arilson Favareto	Social movements, agrarian change and the contestation of ProSavana in Mozambique and Brazil	<i>FAC Working Paper</i> , 137	2016	1	0
Sérgio Chichava	Africa and Brazil: Controversy surrounds Brazil's most ambitious agricultural project to date in Mozambique	LSE	2014	0	0
Sérgio Chichava; Jimená Durán	Civil society organisations' political control over Brazil and Japan's development cooperation in Mozambique: More than a mere whim?	LSE, <i>Global South Unit Working Papers series</i>	2016	0	0
Sérgio Chichava	A sociedade civil e o ProSavana em Moçambique	IESE, <i>Desafios para Moçambique</i>	2016	0	0

Fonte: elaboração própria. IESE (2017); Future Agriculture Consortium website (2017). Pesquisa realizada em 11 de Maio de 2017

CONTRIBUIÇÕES DO IESE PARA O DEBATE

A maior parte do debate dentro da academia brasileira sobre a expansão da Cooperação Sul-Sul segue a tradição dos estudos de política externa, que procuram identificar de que forma a CSS faz parte da estratégia de inserção internacional de equilíbrio/autonomia², que visa guiar o principal paradigma da política externa brasileira desde os anos 1930 – o desenvolvimento (Cervo, 2003). Dessa forma, o *mainstream* dos estudiosos brasileiros sobre a CSS tem feito um esforço para responder às motivações por trás da adoção dessa estratégia internacional no continente africano, de maneira que três interpretações prevalecem: parceiro do desenvolvimento (Amorim, 2003, 2010; Saraiva, 2010, 2012); subimperialista ou colonialista (Clements & Fernandes, 2013; Curado, 2010; Visenti, 2010); e auto-interessado (Soares de Lima, 2005; Vigevani & Cepaluni, 2007; Menezes & Ribeiro, 2010).

A perspectiva de parceiro do desenvolvimento alega a aproximação com África, por meio do crescimento de políticas de cooperação, relaciona-se com o reconhecimento da «dívida histórica»

² Conforme refere Cervo (2003), o principal paradigma da política externa brasileira é promover o desenvolvimento do país, porém a estratégia internacional para alcançar esse objetivo tem variado entre a estratégia de *"bandwagoning"*, devido à relação especial com os Estados Unidos, e a estratégia de autonomia.

que o Brasil tem com os povos africanos, que visa «... transformar os laços de amizade (...) em progresso económico e social, em benefício mútuo» (Amorim, 2003). A visão do subimperialismo, por outro lado, percebe os projetos de cooperação para o desenvolvimento como um mecanismo de o país promover políticas imperialistas de ocupação de territórios, de maneira a favorecer os interesses empresariais domésticos. Clements & Fernandes (2013) afirmam que o programa ProSavana³, no Norte de Moçambique, é um exemplo dessa postura brasileira colonizadora ao procurar favorecer a entrada do agronegócio nacional. Enquanto Visentini (2010) aponta que ainda é muito cedo para determinar exatamente se a relação Brasil-África se baseia numa proposta de imperialismo ou, simplesmente, numa procura por prestígio. Por último, a perspectiva auto-interessada apresenta duas razões, uma delas foca-se mais na manutenção do equilíbrio internacional, enquanto a outra olha para o desenvolvimento socioeconómico do país. Vigevani & Cepaluni (2007), por exemplo, destacam que a cooperação para o desenvolvimento faz parte de uma estratégia de «autonomia pela diversificação», da qual «a Cooperação Sul-Sul [visa] buscar maior equilíbrio com os países do Norte, realizando ajustes, aumentando o protagonismo internacional do país e consolidando mudanças» (Vigevani & Cepaluni, 2007: 283). Enquanto Soares de Lima (2005: 24) ressalta o papel instrumental da Cooperação Sul-Sul na manutenção do desenvolvimento socioeconómico do próprio Brasil, ao facilitar a participação de capital nacional na esfera mundial.

Embora seja relevante a contribuição trazida pelo debate da academia brasileira sobre as possíveis motivações do Governo brasileiro em ampliar os seus projetos de CSS no continente africano, nota-se que esse debate não propõe comparar a CSS do Brasil com outros provedores de CSS, tais como África do Sul, China e Índia, ou os chamados «doadores tradicionais», associados normalmente aos países vinculados ao Comité de Ajuda ao Desenvolvimento da OCDE. Portanto, não há uma preocupação da academia brasileira, salvo algumas exceções (Abdenur & Fonseca, 2013; Fingermann, 2014, 2015), em inserir o debate da CSS na arquitetura da cooperação ao desenvolvimento internacional. Ademais, os estudos realizados na esfera doméstica carecem de pesquisas de campo, tal como é realizada pelo IESE e pelo projeto de investigação «Brasil e China na agricultura africana». A investigação empírica, fora da esfera nacional, traz importantes contribuições teóricas e práticas sobre a CSS brasileira no continente africano, especialmente em Moçambique, que podem somar-se ao debate da academia e apoiar *policy makers* no desenvolvimento de suas estratégias.

A análise das publicações listadas na Tabela 1 indica que não só é importante identificar as motivações do Governo brasileiro como entender de que maneira a narrativa e o imaginário social da CSS ocorrem em campo – por meio de um olhar para os «*interface encounters*» que

³ Programa ProSavana é um dos maiores projetos de cooperação trilateral brasileiro entre a Japanese International Cooperation Agency (JICA), a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e o Ministério da Agricultura de Moçambique (Minag), que busca alavancar o desenvolvimento agrícola do Corredor de Nacala, no Norte de Moçambique.

acontecem entre Brasil, China e Moçambique durante a implantação dos projetos. Ou seja, inspirados pelos trabalhos de Long (1999) e Mosse (2005), os estudos do IESE contribuem para o debate ao perceber não só as diferenças e as semelhanças entre Brasil e China mas ao indicar como suas narrativas são percebidas de forma distinta pela elite moçambicana e pelos burocratas e pequenos agricultores, assim como pelos demais *players* na arquitetura da cooperação para o desenvolvimento internacional.

O artigo de Chichava *et al.* (2013), por exemplo, compara as semelhanças e as diferenças que há na narrativa do Governo brasileiro e do Governo chinês. Embora ambos, Brasil e China, se diferenciem em relação aos doadores tradicionais, ao afirmarem que os seus casos de sucesso na esfera nacional, com papel central do Estado e participação complementar do sector privado, foram a chave para o desenvolvimento agrícola. Os dois países divergem na forma em que estabelecem o imaginário social agrícola moçambicano, pois para os chineses:

Mozambique's low agricultural productivity (is related) to wasteful use of resources, while Brazilians are more inclined to emphasise the need for enterprising spirit and sustained investment to overcome the constraints imposed by geographical remoteness, natural hazards and poor infrastructure (Chichava et al., 2013: 24).

Ademais, os autores enfatizam a diferença na percepção da cooperação chinesa e brasileira entre os moçambicanos, uma vez que a primeira é vista como mais rápida, com mais recursos financeiros e direcionada a interesses comerciais, e a segunda é percebida como «burocrática», porém focada no desenvolvimento das capacidades das instituições locais, tendo como vantagem inicial o idioma comum e o *soft power* – ligado ao futebol e ao acesso a programas de televisão do Brasil, principalmente as novelas. Diferenças que são também destacadas pelos estudos realizados por Chichava & Fingermann (2015) na comparação de dois projetos agrícolas – o CITTAU⁴ e o ProAlimentos⁵.

Scoones *et al.* (2016), por outro lado, destacam a importância da CSS do Brasil e da China no continente africano, ao tratarem um sector produtivo como a agricultura, normalmente negligenciado pelos doadores tradicionais. Entretanto, os autores também indicam que a série de artigos da edição especial do *World Development* demonstra as limitações desses países em solucionar problemas no continente, devido às dificuldades de se efetuar transferência de tecnologia, ao não considerar o contexto político, económico, social e cultural dos países

⁴ O Centro de Investigação e Transferência de Tecnologia Agrária de Umbelúzi (CITTAU) faz parte do projeto de cooperação agrícola chinesa para África, que visa estabelecer centros de pesquisa para implementar as práticas bem-sucedidas da China nas nações africanas

⁵ ProAlimentos é um projeto de cooperação trilateral entre a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e o Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar de Moçambique (MASA), que visa aprimorar a produção e a distribuição de hortaliças na região de Boane, Moçambique.

beneficiários. Ademais, o artigo destaca os trabalhos de Amanor & Chichava (2016) e Amanor (2013), que identificam, a despeito do discurso de horizontalidade e aprendizagem mútua da CSS brasileira e chinesa, que ambos os países «*operate within the dominant frameworks of global agribusiness and capital accumulation*» (Amanor & Chichava, 2016: 21). Porém, os mesmos autores afirmam que a capacidade de intervenção da CSS é limitada, seja pelas características do mercado agrícola e pelo grau de apoio do Governo (caso de Gana), seja pela pressão interna promovida pela sociedade civil (caso de Moçambique).

Entretanto, é importante ressaltar que a narrativa do agronegócio não é a única narrativa que permeia a CSS brasileira. De acordo com Durán & Chichava (2013), o esquema da cooperação técnica brasileira caracteriza-se por ocorrer de maneira descentralizada, com a participação de diversos actores domésticos, tais como o Ministério da Agricultura, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, a Embrapa, os movimentos sociais, etc. Essa descentralização leva a que a narrativa do agronegócio se contraponha à narrativa da agricultura familiar no processo de implementação dos projetos, uma vez que não há um consenso entre os múltiplos actores sobre essa questão dentro da esfera doméstica.

Cabral (2015), na mesma linha, discute a multiplicidade de actores na CSS brasileira e a percepção de que há uma «dualidade de narrativas» no plano interno e internacional, porém a autora adiciona que é preciso olhar além dessa «dualidade». De acordo com Cabral (2015), a CSS brasileira em Moçambique é marcada por uma batalha entre três tipos de discursos: doutrinário, tecnocrático e mercantil. O discurso doutrinário enfatiza o compromisso em reforçar um tipo de desenvolvimento agrícola, baseado no apoio governamental para o desenvolvimento da agricultura familiar. O discurso tecnocrático destaca a necessidade de investimento técnico para se modernizar a agricultura e ganhar escala na produtividade, seja por pesquisa em agricultura tropical seja pela mecanização da agricultura familiar. O discurso mercantil está relacionado com os interesses privados da cooperação, que a entende como uma oportunidade económica tanto para o Brasil como para Moçambique, a longo prazo. O artigo de Cabral *et al.* (2016), somado ao artigo de Favareto (2016), partilha essa perspectiva, ao demonstrar como essa multiplicidade de narrativas já está presente no embate de diversos actores ligados à agricultura familiar no próprio Brasil.

Para complementar o olhar sob a CSS brasileira, Fingermann (2013, 2015) analisa o processo de implementação de dois projetos de cooperação trilateral – o ProAlimentos e o ProSavana⁶, ambos com parcerias com doadores tradicionais. Assim, a autora identifica que há uma dificuldade em executar esses projetos em campo, devido às diferentes percepções sobre desen-

⁶ ProSavana é o maior programa de Cooperação Trilateral entre a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), a Japan International Cooperation Agency (JICA) e o Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar de Moçambique (MASA), que tem o objetivo de estabelecer novos modelos de desenvolvimento agrícola na região do Corredor de Nacala, em Moçambique.

volvimento agrícola de cada parceiro. Ademais, a autora mostra que, a despeito do discurso de horizontalidade da CSS brasileira, a estratégia de cooperação trilateral gera a sobreposição de agenda Norte-Sul sob a agenda Sul-Sul, no caso do ProAlimentos, e não promove complementaridade no caso do ProSavana.

Por último, vale a pena mencionar as diversas produções acadêmicas que abordam a relevância na participação da sociedade civil transnacional e a sua capacidade de transformar o programa ProSavana e o seu potencial para redefinir a estratégia da CSS brasileira (Shankland & Gonçalves, 2016; Shankland *et al.*, 2016; Chichava, 2014, 2016; Durán & Chichava, 2016). Durán & Chichava (2016) destacam, principalmente, a importância das organizações da sociedade civil de Moçambique, com o suporte de algumas organizações não governamentais brasileiras e japonesas, em relação ao ProSavana e a outros megaprojetos. De acordo com os autores, o ativismo no caso do ProSavana, apesar de ainda ser um projeto incipiente na sua implementação, alterou a natureza do Fundo Nacala⁷ e o próprio programa. Assim, os autores concluem que esse caso demonstra como o envolvimento e a monitorização das organizações da sociedade civil «*remain essential to a balanced development strategy for Mozambique*» (Durán & Chichava, 2016: 25-26).

Shankland & Gonçalves (2016), por outro lado, verificam que o ativismo da sociedade civil não teve impactos reais na proposta de desenvolvimento agrícola para o Corredor de Nacala. Segundo os autores, a atuação da sociedade civil em Moçambique, no Brasil e no Japão conseguiu alterar somente a aparência da estratégia, por meio da elaboração de um novo documento, feito por consultores brasileiros com financiamento da JICA, com foco na agricultura familiar. No entanto, os autores apontam que, embora esse novo documento seja totalmente diferente daquele Plano Director divulgado pela Internet⁸ em 2013, que se focava somente na agricultura de larga escala, a estratégia de investimento corporativo do ProSavana não é alterada, uma vez que o Governo japonês, juntamente com o Governo moçambicano, lançou recentemente um projeto de desenvolvimento semelhante: «Project for Economic Development Strategies in the Nacala Corridor»⁹. Por fim, os autores destacam como o processo de contestação transnacional realizado por organizações da sociedade civil dos três países, tais como União Nacional dos Camponeses (Unac) e Justiça Ambiental (JA) de Moçambique, e a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) do Brasil, deve ser visto como uma oportunidade para o Governo brasileiro rediscutir a sua proposta de Cooperação Sul-Sul.

⁷ O Fundo Nacala é uma iniciativa da GVAgro e da FGV Projetos, lançada em Julho de 2012, com o apoio direto da coordenação do ProSavana. A gestão do fundo é da FGV Projetos em conjunto com a empresa 4I. Greene tem o objetivo de atrair investimentos para o desenvolvimento agrário da região (*Notícias*, 2012).

⁸ Em 2013, as organizações da sociedade civil receberam, por meio de uma fuga pela Internet, o Plano Director elaborado pela equipa técnica do ProSavana. A disseminação desse documento foi a chave na organização da sociedade civil frente ao ProSavana, que passou a exigir maior participação na estruturação do projeto.

⁹ O «Project for Economic Development Strategies in the Nacala Corridor» trata-se de um acordo firmado entre os governos do Japão e de Moçambique, que visa integrar as estratégias de desenvolvimento no Corredor de Nacala, com a participação de investimentos privados (JICA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu as principais contribuições teóricas e práticas que o grupo de investigação Cidadania e Governação, do IESE, juntamente com os parceiros do projeto de investigação «O Brasil e a China na agricultura africana», trouxe para o debate da Cooperação Sul-Sul brasileira. Ao realizar uma extensa investigação empírica, o IESE pode não somente identificar as semelhanças e diferenças que há entre a CSS brasileira, chinesa e doadores tradicionais, como pode também verificar as diferentes narrativas presentes dentro da própria CSS brasileira no sector agrícola. Desta maneira, o trabalho mostra que não há como classificar de uma maneira unívoca a atuação do Governo brasileiro no continente africano, uma vez que este Governo é composto por diversos actores com narrativas e interesses divergentes entre si.

Por outro lado, o mapeamento das citações mostrou que esse debate precisa de ganhar mais amplitude no Brasil, de forma a contribuir para a discussão da CSS brasileira entre o Governo, burocratas e académicos no país. Para isso, recomenda-se que os trabalhos sejam publicados, de preferência em português, em revistas académicas brasileiras de alto impacto, assim como apresentados em seminários e simpósios da área no país.

REFERÊNCIAS

- Abdenur, A. E., Fonseca, J. M. M. (2013). The North's growing role in South-South Cooperation: keeping the foothold. *Third World Quarterly*, [S.l.], 34(8), 1475-1491.
- Amanor, K. (2013). China and Brazil in African agriculture: the case of Ghana. *CBAA Working Paper*, 52. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Amanor, K., Chichava, S. (2016). South-South Cooperation, agribusiness and African agricultural development: Brazil and China in Ghana and Mozambique. *World Development*, 81.
- Amanor, K., Chichava, S., Chinsinga, B., Mukwereza, L. (2012). Towards an even-handed and effective Africa-Brazil exchange for agricultural development: African perspectives. *Poverty in Focus*, 24.
- Amorim, C. L. N. (2003) O Brasil e o «renascimento africano». *Folha de São Paulo*, Tendências e Debates, 25/05/2003.
- Amorim, C. L. N. (2010) Brazilian foreign policy under President Lula (2003-2010), *Revista Brasileira de Política Internacional*, 53, 214-240
- Cabral, L. (2015). Priests, technicians and traders? The discursive politics of Brazil's agricultural cooperation in Mozambique. *CBAA Working Paper*, 110. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Cabral, L., Shankland, A., Favareto, A., Costa Vaz, A. (2013). Brazil-Africa agricultural cooperation encounters: drivers, narratives and imaginaries of Africa and development. *IDS Bulletin*, 44.
- Cabral, L., Favareto, A., Mukwereza, L., Amanor, K. (2016). Brazil's agricultural politics in Africa: More Food International and the disputed meanings of «family farming». *World Development*, 81.
- Cabral, L., Shankland, A. (2013). Narratives of Brazil-Africa cooperation for agricultural development: new paradigms? *CBAA Working Paper*, 51. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Cabral, L., Weinstock, J. (2010). Brazilian technical cooperation for development. Drivers, mechanics and future prospects. Londres: Overseas Development Institute, 1-45. Disponível em: <http://www.odi.org.uk/sites/odi.org.uk/files/odi-assets/publicationsopinion-files/6137.pdf>.
- Carmody, P. (2011). *The New Scramble for Africa*. Cambridge: Polity.
- Carmody, P. (2013). *The Rise of the BRICS in Africa: The Geopolitics of South-South Relations* London; New York: Zed Books.

- Cason, Jeffrey, W., Power, T. J. (2009). Presidentialization, pluralization, and the rollback of Itamaraty: explaining change in Brazilian Foreign Policy making from Cardoso to Lula. *International Political Science Review / Revue internationale de science politique*, [S.l.], 30(2), 117-140.
- Cervo, A. L. (2003). Política exterior: de Cardoso a Lula. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 46(1), 5-11. Brasília: DF.
- Chichava, S. (2011). As economias emergentes no sector agrícola moçambicano. Leituras, implicações e desafios. In L. Brito, C. Castel-Branco, S. Chichava, S. Forquilha & A. Francisco (orgs.), *Desafios para Moçambique 2011*. Maputo: IESE.
- Chichava, S. (2014). Africa and Brazil: controversy surrounds Brazil's most ambitious agricultural project to date in Mozambique. LSE *website*.
- Chichava, S. (2016). A Sociedade Civil e o ProSavana em Moçambique. In L. Brito, C. Castel-Branco, S. Chichava, S. Forquilha & A. Francisco (orgs.), *Desafios para Moçambique 2016*. Maputo: IESE.
- Chichava, S. *et al.* (2013). Brazil and China in Mozambican agriculture: emerging insights from the field. *IDS Bulletin*, 44.
- Chichava, S., Alden, C. (orgs.) (2010). *A Mamba e o Dragão. Relações Moçambique-China em Perspectiva*. IESE & SAIIA.
- Chichava, S., Duran, J. (2016). Civil society organisations' political control over Brazil and Japan's development cooperation in Mozambique: more than a mere whim? *Working Paper*, 2/2016. LSE Global South Unit.
- Chichava, S., Duran, J., Cabral, L., Shankland, A., Buckley, L., Lixia, T., Yue, Z. (2013). Chinese and Brazilian cooperation with African agriculture: the case of Mozambique. *CBAA Working Paper*, 49. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Chichava, S., Fingermann, N. N. (2015). Chinese and Brazilian agricultural models in Mozambique. The case of the Chinese Agricultural Technology Demonstration Centre and of the Brazilian ProAlimentos. *CBAA Working Paper*, 112. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Clements, E. A., Fernandes, B. M. (2013). Land grabbing, agribusiness and the peasantry in Brazil and Mozambique. *Agrarian South: Journal of Political Economy*, 2(1), 41-69.
- Durán, J., Chichava, S. (2013). O Brasil na agricultura moçambicana: parceiro de desenvolvimento ou usurpador de terra? In L. Brito, C. Castel-Branco, S. Chichava, S. Forquilha & A. Francisco (orgs.), *Desafios para Moçambique 2013*. Maputo: IESE.
- ESRC. (2017). *Research Catalogue*. Disponível em:
<http://www.researchcatalogue.esrc.ac.uk/grants/ESJ013420.1/read/outputs>.

- Favareto, A. (2016). Beyond «family farming versus agribusiness» dualism: unpacking the complexity of Brazil's Agricultural Model. *EAC Working Paper*, 138. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Fingermann, Natalia N. (2015). A study of Brazilian trilateral development cooperation in Mozambique: the case of ProSavana and ProAlimentos. *EAC Working Paper*, 113. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium. Disponível em: <http://www.future-agricultures.org/publications/research-and-analysis/1943-a-study-of-brazilian-trilateral-development-cooperation-in-mozambique-the-case-of-ProSavana-and-ProAlimentos/file>.
- Fingermann, Natalia N. (2014). *A Cooperação Trilateral Brasileira em Moçambique - Um Estudo de Caso Comparado: O Proalimentos e o Prosavana*. PhD thesis. São Paulo, Brasil: Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11608/Fingermann_TESE_2014_joined_document.pdf?sequence=1.
- Fingermann, Natalia N. (2013). Os mitos por trás do ProSavana. *Boletim IDELAS*, 49. Maputo, Mozambique: Instituto de Estudos Sociais e Económicos. Disponível em: www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_49.pdf (consultado a 30 de Junho de 2013).
- IESE (Instituto de Estudos Sociais e Económicos) (2008). *Balanço 2007-2008*. Disponível em: http://www.iese.ac.mz/lib/Balanco_2007_2008.pdf.
- IESE (2017). *A China e o Brasil na Agricultura Africana*. Disponível em: <http://www.iese.ac.mz/a-china-e-o-brasil-na-agricultura-africana>.
- IPEA (Instituto de Pesquisa Económica Aplicada) (2010). *Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional: 2005-2009*. Brasília: IPEA.
- IPEA (2013). *Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional: 2010*. Brasília: IPEA.
- IPEA (2016). *Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional: 2013-2015*. Brasília: IPEA.
- JICA (Japan International Cooperation Agency) (2017). *The Project for Nacala Corridor Economic Development Strategies in the Republic of Mozambique*. Disponível em: <https://www.jica.go.jp/project/english/mozambique/002/outline/index.html> (consultado a 5 de Maio de 2017).
- Long, N. (1999). *The Multiple Optic of Interface Analysis*. UNESCO Background Paper on Interface Analysis. Paris, France: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- Long, N. (2002). An actor-oriented approach to development intervention. In D. A. Cruz (ed.), *Rural Life Improvement in Asia*, 47-61. Report of an APO Seminar on Rural Life Improvement for Community Development Held in Japan, 22-26 Abril 2002. Tóquio, Japão: Asian Productivity Organization.

- Manning, R. (2006). Will «emerging donors» change the face of development cooperation? *Development Policy Review*, [S.l.], 24(4), 371-385.
- Mikki, S. (2009). Google Scholar compared to webof science: a literature review. *Nordic Journal of Information Literacy in Higher Education*, 1(1).
- Mosse, D. (2005). *Cultivating Development: Ethnography of Aid Policy and Practice*. Londres: Pluto Press.
- Pecequilo, C. S. (2008). A política externa do Brasil no século XXI: os eixos combinados de cooperação horizontal e vertical. *Revista Brasileira de Política Internacional*, [S.l.], 51(2), 136-153.
- Saraiva, J. F. S. (2010). The New Africa and Brazil in the Lula era: the rebirth of Brazilian Atlantic Policy. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 53(especial), 169-182. Brasília: DF.
- Saraiva, J. F. S. (2012). *África Parceira do Brasil Atlântico – Relações Internacionais do Brasil e da África no Início do Século XXI*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço.
- Scoones, I., Amanor, K., Favareto, A., Gubo, Q. (2016). A new politics of development cooperation? Chinese and Brazilian engagements in African agriculture. *World Development*, 81.
- Scoones, I., Cabral, L., Tugendhat, H. (2013). New development encounters: China and Brazil in African agriculture. *IDS Bulletin*, 44.
- Shankland, A., Gonçalves, E. (2016). Imagining agricultural development in South–South Cooperation: the contestation and transformation of ProSavana. *World Development*, 81, 35-46.
- Shankland, A., Gonçalves, E., Favareto, A. C. (2016). Social movements, agrarian change and the contestation of ProSavana in Mozambique and Brazil. *EAC Working Paper*, 137. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Soares de Lima, M. R. (2005). A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 48(1), 24-59.
- Vaz, A. (2015). International drivers of Brazilian agricultural cooperation in Africa in the post-2008 economic crisis. *CBA Working Paper*, 117. Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- Vigevani, T., Cepaluni, G. (2007). Lula's Foreign Policy and the quest for autonomy through diversification. *Third World Quarterly*, [S.l.], 28(7), 1309-1326.
- Visentini, P. F. (2010). Cooperação Sul-Sul, diplomacia de prestígio ou imperialismo «soft»? As relações Brasil-África do Governo Lula. *Século XXI*, 1(1). Porto Alegre.